

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANCEIRO

ASSIGNATURA		
Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros ...	15000	N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros 15500

3.º ANNO—SUPPLEMENTO AO N.º 59

10 DE JUNHO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

COMMEMORAÇÃO DO TRICENTENARIO DE CAMÕES



LUIZ DE CAMÕES — ESCULPTURA POR SIMÕES D'ALMEIDA PARA O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO
(Segundo uma photographia do sr. Henrique Nunes)

O TRICENTENARIO

DE

CAMÕES

10 DE JUNHO DE 1880

Como manifestação exterior, inspirada por um sentimento cívico eminentemente nacional, fóra da tradição dogmática e obdecendo inteiramente a um impulso superior que pôde muito bem ser filho da consciencia dos seus destinos, Portugal ainda não dera, nos tempos modernos, outro mais eloquente e menos official do que este que no actual momento se assignala aos nossos olhos e se manifesta aos nossos sentidos como um grito d'alarme, ou antes como uma revelação de vitalidade depois d'um longo periodo de somno ou de lethargo.

A celebração do terceiro centenario de Camões, ainda que não produzisse — pela impressão exterior das pompas com que se adorna, outro resultado senão concentrar a attenção do povo na sublime epopéa que resume a biblia das nossas glórias, ficaria em todo o caso assignalado como uma data memoravel e como um documento que ennobrece a geração que soube inspirar-se n'um alto sentimento de justiça para honrar o nome que symbolisa a idéa da nacionalidade com as suas tradições gloriosas e as suas aspirações futuras.

Ella ajuda a insuflar na consciencia popular a porção d'ideal que lhe falta n'este momento historico, e sem o qual os povos não passam d'uns venerandos cadaveres que os interesses politicos e diplomaticos contam ás vezes no numero dos vivos, mas aos quaes o esquecimento universal já talhou a mortalha com que n'um dia breve teem de descer á sepultura.

N'este instante a Europa lembra-se de nós e festeja o nome portuguez sybolisado no nome de Camões, não pelas conquistas feitas pelos reis mas simplesmente pelas estrophes feitas pelo poeta, e coisa estranha! do nosso dominio universal resta-nos uma sombra; das nossas glórias passadas um livro: sem o livro o mundo moderno tomar-nos-ia por um espectro: com os «Lusiadas» toma-nos por um conviva. Nos conflictos e nas luctas d'interesses da civilização actual a epopéa de Camões é a nossa carta d'admissão. E se por ventura um grande genio, nol-a tivesse negado, o nosso lugar, hoje, no convívio das nações não seria á mesa do festim: seria simplesmente á porta.

N'este momento Vasco da Gama e o seu cantor repouzam ambos a par sob as abobadas dos Jeronymos, — que é a epopéa da gloria d'ambos traduzida em pedra, e depois de tres seculos d'esquecimento juntam-se na terra, da mesma fórma que já estavam juntos na immortalidade.

Desde hoje aquelle templo collocado á beiramar, será para os estranhos a sentinella avançada da nacionalidade portugueza e a affirmação mais eloquente dos nossos foros de povo livre, symbolisando a idéa da patria e a revelação d'uma consciencia que desperta para as luctas do progresso e para as conquistas da civilização.

Pelo facto de se lhe lançarem dentro duas ossadas não se transformá n'um tumulo. Ao contrario, transformá-se n'um baluarte por se lhe abrigarem dentro dois immortaes.

O tricentenario de Camões vem reatar o fio da solidariedade nacional e fazer-nos comprehender o valor da nossa força, dando-nos ao mesmo tempo a comprehensão dos nossos destinos, ensinando ao povo como é que, pela eloquencia sublime dos «Lusiadas», entramos hoje na corrente do espirito europeu.

Para a imaginação popular é uma revelação suprema o facto d'ella entrever como um homem que não figura na lista dos santificados pelo Papa, pela circumstancia de ter uma auréola de luz na fronte, pôde merecer uma apothese mais ruidosa do que qualquer outro que traga uma coroa d'ouro na cabeça!

A França, a Hespanha, a Allemanha, o Brazil, a Belgica, celebram n'este momento o nome de Camões; a Europa culta evoca-o da immortalidade e cobre-o de flores. Ora Camões symbolisa o nome portuguez, é a expressão do nosso modo de ser a synthese da nossa individualidade, de maneira que á soberania do seu genio devemos o seguinte:

Que o pensamento moderno em vez de nos dar o esquecimento nos dê coróas de rosas!

Em fim, hade chegar um dia em que os nossos templos se diluam, as nossas fortalezas se desmoronem, em que a evolução natural da materia e do pensamento transformem o aspecto da civilização em que n'este momento se agitam os nossos interesses e se cumprem os nossos destinos. Ás columnas talhadas em pedra e ás ameias fundidas em bronze, sobreviverá entretanto uma coisa que em vez de ser moldada em marmore ou batida em aço, é simplesmente forjada d'ideal — os «Lusiadas».

O canhão mais monstruoso dos tempos modernos pôde enviar uma bala a cinco, dez kilometros de distancia. Um simples livro manda o nosso nome á posteridade!

Eis em simples palavras o motivo por que a data que hoje celebramos é a mais gloriosa e deve ser a mais santificada do nosso calendario e por que rasão depois d'extinctas as romarias catholicas que eram a apothese dos martyres, deve passar entre os hymnos triumphaes o cortejo cívico que é a affirmação da consciencia nacional.

GUILHERME D'AZEVEDO.

CAMÕES E NATERCIA

Não seria bom que de uma vez para sempre reduzissemos ás suas verdadeiras proporções, que não são afinal de contas menos formosas do que as da concepção sentimentalista, os amores de Camões por D. Catharina de Athayde?

Camões amou D. Catharina? É incontestavel, amou-a com todo o affinco e o enthusiasmo de um poeta portuguez, que os vates cá da terra sempre tiveram fama de galanteadores e requebrados desde el-rei D. Diniz que santa gloria haja até ao meu hom e prezado amigo Fernando Caldeira, o mais contemporaneo de todos os poetas namorados, porque d'elle para diante os amores em verso vão todos dar a uns sitios pouco limpos, segundo os usos e costumes da escola naturalista.

Amou Catharina de Athayde, dedicou-lhe versos requebrados, trovas apaixonadas, dirigiu-lhe de baixo das janellas do paço de Cintra, em noites de luar e em noites de nevoeiro, muito por igual, suspiros e espirros. Muitas vezes parece que chegaram á falla, e que Luiz de Camões apertou ao peito, com todas as regras de fino amante, a formosa mão da donzella; soube-lhe bem o contacto, e parece que procurou meio de tornar o amor menos platónico. Poeta da Renascença, essa época da reabilitação da carne, Camões imitava Petrarcha em tudo... menos na abstinencia. Catharina ou era honesta e entendia que na gramatica amorosa o primeiro verbo da primeira conjugação deve ser «casar» e não «amar», como rezam por ahí umas grammaticas incitadoras de

culposos pensamentos; ou não quiz perder a moradia do Paço por causa de tolices apaixonadas; mas o que é certo é que Luiz de Camões foi repellido com perda, a noticia do atrevimento correu no paço, e, como el-rei D. João III era muito severo... com os outros, Camões teve de ir dar um passeio até Villa Nova de Constança, como hoje se diz, onde fez versos á sua vontade, e naturalmente namorou, com mais resultados praticos, as tagides da borda d'agua, que achavam mais graça á prosa vil do poeta do que aos seus versos, exactamente ao invez de D. Catharina, que ideava para o amor um regimen de acrosticos, pouco perigoso mas pouco substancial.

E aqui acabam, emquanto a mim, os amores do poeta. Catharina de Athayde casou, e Luiz de Camões tratou da sua vida, porque não se tem reflectido que não consta da historia que houvesse no seculo XVI ordenado estabelecido para os escudeiros que fizessem trovas ás damas do paço, e, como os poetas no seculo XVI almoçavam, jantavam e cejavam exactamente como o sr. Guerra Junqueiro, ou antes melhor do que o sr. Guerra Junqueiro que está com uma dyspepsia á hora em que estas linhas se escrevem, segue-se d'ahi que, se Camões passava a sua vida a amar Catharina e a ser desterrado por causa de Catharina, não era só de um Jau que precisava, era da ilha de Java inteira para pedir esmola para elle. Camões não era tão tolo como isso, Camões foi para Ceuta porque seguia a vida militar, e depois foi até á India tentar fortuna. Emquanto a amar... isso amou elle e com fartura, mas as Natércias eram de sitios diversos e até de diversas côres.

Natercia porém o que ficou sendo foi a sua musa official, a sua Laura, a sua Beatriz; quando queria imitar alguma das canções de Petrarcha, sobrescriptava-a para Natercia. Era a editora responsavel de todas as suas inspirações mais elevadas, ou imitadas ou originaes. D'ahi resultou caírem alguns dos seus biographos em enganos deliciosos. Como Camões falla em ter encontrado a sua bella n'uma sexta-feira santa, logo houve até quem designasse a igreja onde se realisou o encontro. Foi na igreja das Chagas, diz-se. Ora é de saber que a tal poesia de Camões é simplesmente uma imitação de Petrarcha. Declara o poeta italiano, n'um soneto, que encontrou a sua Laura pela primeira vez n'uma sexta-feira santa, na igreja de Avignon. Realmente parece-me historia que d'ahi por diante ficasse sendo a sexta-feira santa o dia marcado para caírem apaixonados os poetas. Seria de certo esta uma interpretação completamente nova da phrase «sexta-feira de Paixão».

Que Luiz de Camões conservou sempre uma recordação suave da mulher que primeiro amára é incontestavel. O celebre soneto «Alma minha gentil» revela um sentimento profundo e uma dôr verdadeira; mas o que não podemos admittir é que nos transformassem o nosso Camões ardente, apaixonado, fogoso e bulçoso, alegre e folgasão, soldado e marinheiro, instruido como poucos, n'um vate sentimental que andava chorando por todos os mares do Oriente a perda da sua Catharina de Athayde. Faz-me mal aos nervos este Camões tradicional, de loiro e lyra. Loiro nunca elle o apanhou. Apanhou uma pensão por muito favor, e ainda assim com a attenuante de lh'a não pagarem, e lyra, se elle a tivesse, com toda a certeza que lhe ficava empenhada em Moçambique. Dêem-me um Camões verdadeiro, e não esse Camões convencionalissimo que a gente pôde suppôr capaz de descer do seu pedestal, para ir recitar ao piano, n'um primeiro andar do Loreto

«Alma minha gentil que te partiste.»

PINHEIRO CHAGAS.

A CAMÕES

A SALVAÇÃO DOS LUSIADAS

Para medir teu esforço mais que humano,
Como se a terra inteira não bastasse,
Tu mediste a estatura, face a face,
Com a grandeza indomável do Oceano.

Tinhas com sangue escripto um livro eterno,
E era acanhado o mar para absorvel-o,
Que elle era a Historia, a Arte, a Sciencia, o Bello
E era o «pregão do ninho teu paterno.»

Arrancaste-o ás aguas de Mécon,
E, porque eras vidente e grande e bom,
Lançaste-o ao povo — este Oceano ardente —

Que, como o mar que tem no seio a terra,
No seio immenso a tua gloria encerra
E o teu poema abriga eternamente.

JAYME VICTOR.

desenho de Faria, junto ao volume dos Commentarios, e dado agora em fac-simile, sem nos embaraçar com o facto de se representar na gravura do Hespanhol cego do olho esquerdo o Poeta em vez do direito, talvez devido ao escrupulo com que elle procurasse imitar rigorosamente o desenho na chapa, esquecendo-se de que a reprodução dava o inverso. Como explicar porém a dissimilhança real entre os dois retratos, de Faria e de Villafranca, achando-se muito maior conformidade entre o desenho d'aquelle, e a gravura de Paulus, aberta por ordem de Gaspar de Faria Severim? A quem conhece os processos graphicos não repugnarão aceitar, que a gravura diffira nas feições do original á penna, ou por pouca attenção do gravador, ou por que elle pretendesse corrigir o desenho recebido por menos perfeito, ou, o que é mais provavel, por falta de original julgado sufficiente, e ausencia de outros retratos, que elucidassem pelo confronto. A pressa que Faria poz na impressão dos Commentarios, servindo-se de mais de uma officina, explica-nos tambem de alguma maneira o haver

possuido por Corrêa, e que já ao tempo andaria perdido.

Por qualquer dos motivos citados julgamos que o esboço de Faria e Sousa, além de curioso como autographo seu, é ainda muito importante como o original mais antigo entre os retratos existentes de Camões.

A descripção bibliographica do manuscripto dos Commentarios fal-a-hemos em outro lugar.

RODRIGO V. D'ALMEIDA.

CAMÕES

SALVANDO OS LUSIADAS DO NAUFRAGIO

A gravura que hoje acompanha este numero commemorativo é reprodução d'um magnifico e recente quadro do eximio pintor belga Slingeneyer, da academia das Bellas-Artes de Bruxellas.

Slingeneyer, o auctor de tantos trabalhos notaveis, que tantas distincções lhe tem merecido na Europa culta, tomando para assumpto da sua tela este episodio tocante da vida de Camões, concorre para a glorificação do poeta prestando a homenagem do seu talento ao cantor dos «Lusiadas», que n'este momento obtem a apothese d'uma civilização inteira.

A tela do notavel artista mede tres metros e treze centimetros d'alto por dois e quarenta e quatro centimetros de largura. Da maestria com que está tratado o assumpto, do poder com que está executado todo o grupo de figuras d'este drama terrivel é ocioso fallar, Slingeneyer, comprehendeu perfeitamente a personalidade de Camões e o seu trabalho ficará d'esde hoje assignalado como uma das mais notaveis obras d'arte inspiradas pela grande epopeia maritima do seculo XVI.

O OCCIDENTE obtendo permissão para reproduzir tão notavel trabalho, regosijasse de tornar conhecido do nosso paiz uma obra que honra tanto a memoria de Camões, como o talento do pintor.

GUILHERME D'AZEVEDO.

RETRATO DE CAMÕES

DESENHADO POR

MANUEL DE FARIA E SOUSA

Conhecem-se como mais antigos retratos de Camões, o mandado gravar por Gaspar de Faria Severim, que appareceu nos «Discursos politicos,» de seu tio Manuel Severim de Faria (Evora 1624), e o que em Madrid gravou Pedro de Villafranca para os «Commentarios aos Lusiadas» de Manuel de Faria e Sousa (Madrid 1639). O que se ignora porém, é que na Bibliotheca Real d'Ajuda existe o Commentario autographo, por onde se fez a impressão, e que no frontispicio d'elle ha um outro retrato feito á penna pelo proprio Faria e Sousa, como alli se declara. Não nos admira esta circumstancia, attendendo no que o mesmo auctor de si refere, no «Commento ás Rimas de Camões», tom. 1.º pag. 299, col. 1.ª, onde depois de haver mencionado varios calligraphos do tempo, e outros que realisavam desenhos á penna competindo com as melhores estampas de chapa, rompe n'esta declaração, ao que parece muito satisfeito: «Yo tambien he obrado a este modo mas que razonablemente». E não só elle apregoa esta pericia, mas os seus biographos, como Barbosa, e especialmente o auctor do «Retrato de Manuel de Faria», D. Francisco Moreno Porcel, que escreve a pag. 8. «De diez años fue una de las mejores plumas de Europa; haziendo con igual perfeccion toda suerte de letras. Qualquier estampa sacava con la pluma, tan diestra, y sutilmente, que buenas vistas pudieram dudar, qual fuesse la de pluma, e qual la de lamina».

Apesar de saber-se positivamente que Faria e Sousa escreveu quatro outros exemplares autographos d'este livro, como declara na col. 607 do tom. 4.º, e correr a tradição que um d'elles se conserva em Madrid, é innegavel no emtanto que o d'Ajuda é o mais authentico não só por n'elle se acharem exaradas, ora em entrelinhas, ora mesmo no corrente das linhas, todos os reparos do auctor conforme a lição definitiva que appareceu no impresso; mas ainda por outras circumstancias attendiveis, como são a referencia numerica da paginação original com a do impresso, notada constantemente pelo typographo, e as proprias dedadas d'elle, e manchas resultantes do mancio da officina. Devemos por isso suppôr que Villafranca se regularia na sua gravura pelo



LUIZ DE CAMÕES — FAC-SIMILE DO RETRATO Á PENNA
POR MANUEL DE FARIA E SOUSA (1639)

escrupulizado menos com a estampa, por não soffrer mais tempo a delonga que teria nova gravura.

Resta-nos saber qual o retrato de que Faria se serviu para o seu desenho, para melhor aferirmos da authenticidade e importancia d'este; elle mesmo o diz no § IX da advertencia: «El retrato del P. se sacò bien parecido a otro que era original, mandado hazer por su amigo el Lic. Manuel Correa, al tiempo que se tratavá en Lisboa, que es de creer seria despues que vino de la India; por que no le pudo tratar antes, pues desde quádo el P. salio de Lisboa, hasta el año en que murió el Correa, van mas de 60 i pocos mas devia el tener quando murió. De que se sigue que este es de los ultimos dias del P.»

Esta citação depõe em favor do desenho de Faria, onde a inscripção, e as feições mortificadas do Poeta se adaptam melhor á idade que sabemos que elle tinha quando Manuel Corrêa encomendou o retrato, do que á gravura de Villafranca. Pode ser que da mesma fonte procedesse a estampa dada por Severim: infelizmente elle n'isto nada nos elucidou, talvez por não saber-o; como o não fizera tambem, o que admira mais, o proprio Manuel Corrêa, apesar do ensejo que tinha, escrevendo um Commento aos Lusiadas. Pedro de Mariz, que houve o autographo do livro em leilão promovido pelo tribunal da Legacia, ignorou certamente a existencia do retrato

A CAMÕES

Teu grande coração amado e amante
Mais duro do que um bronze florentino,
Como a haste de um lyrio tenro e fino,
De saudades tombou, morreu distante!

Sereno como as nuvens do levante,
Crusavas pelo ceu do teu destino;
Mas um anjo de rosto peregrino
Sustem-te um dia o passo triumphante!

Porque pouco durou tua ventura,
Foste por longas terras, longos mares,
Buscando em toda a parte a sepultura!

Na patria morre, de intimos pesares,
A doce Catharina, a imagem pura,
E concepção ideal de teus cantares!

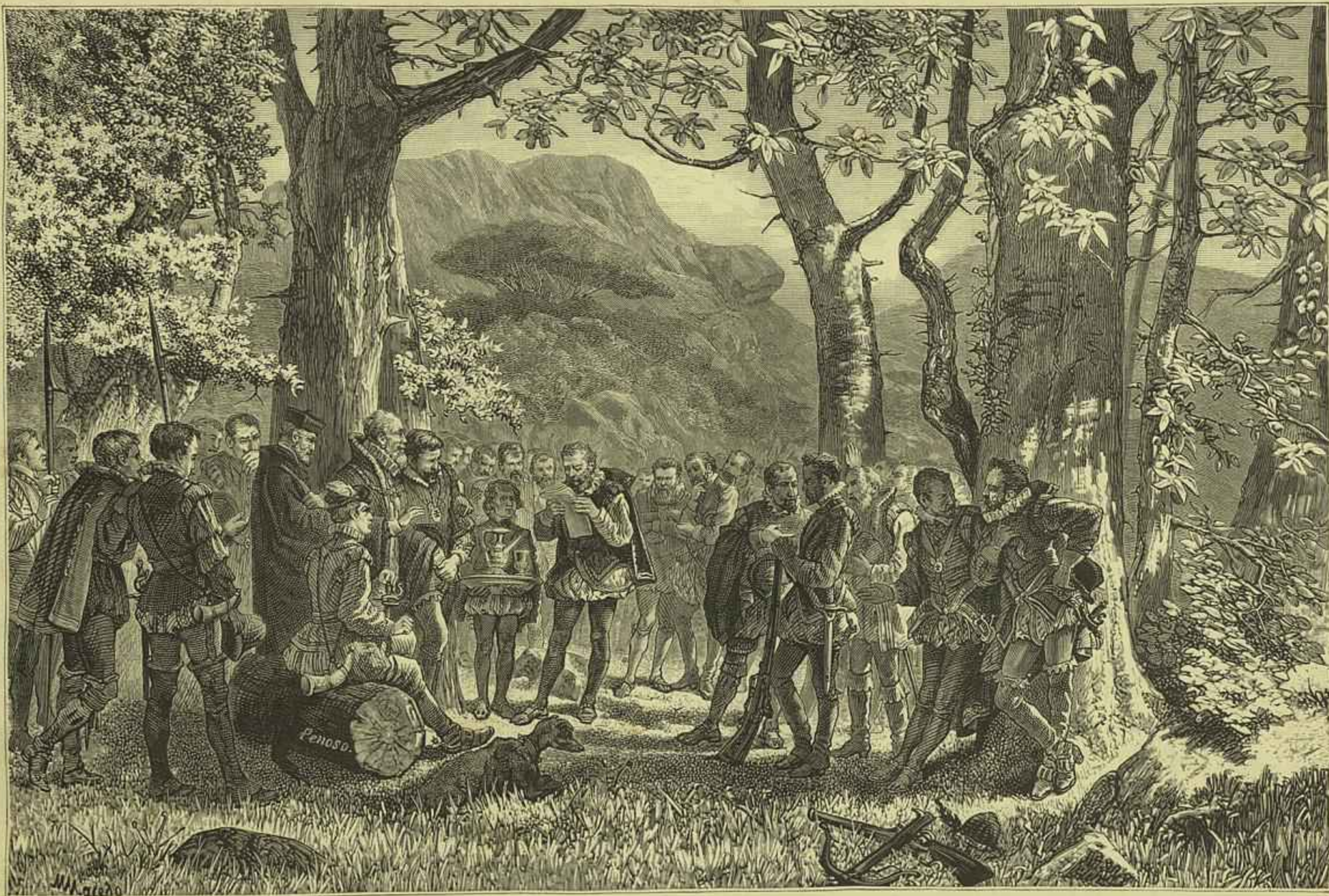
FRANCISCO DE MENEZES.

CAMÕES

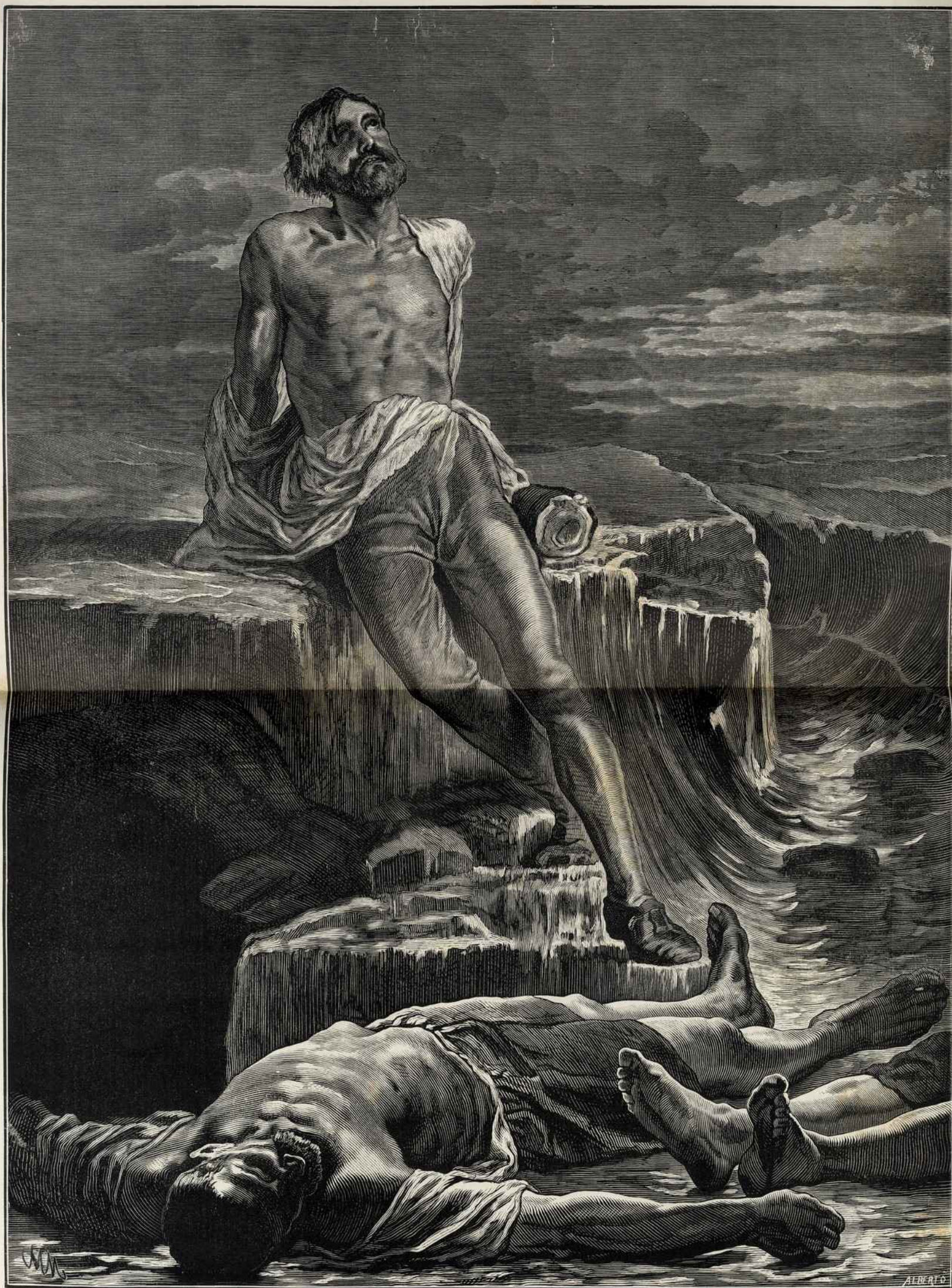
LENDO OS LUSIADAS A D. SEBASTIÃO
NA PENHA VERDE, EM CINTRA

Estavam d'altas arvores á sombra,
De avelludada relva em fresco assento.
Attento o joven rei fitava ancioso
O guerreiro cantor que o nobre aspeito
Tinha como de gloria resplendente,
E na divina inspiração acceso.
Qual deveras o imita, qual fingindo;
Mas todos se compoem do rei a exemplo.

GARRETT — CAMÕES. C. 7.º XII.



CAMÕES LENDO OS «LUSIADAS» A D. SEBASTIÃO NA PENHA VERDE, JEM CINTRA — COMPOSIÇÃO ORIGINAL DE MANOEL DE MACEDO



Impresso por Lallemand Irmãos, Lisboa.

CAMÕES SALVANDO OS LUSIADAS DO NAUFRAGIO

QUADRO DE SLINGENEYER

DESENHO DE MANUEL DE MACEDO, GRAVURA DE ALBERTO. (Segundo uma photographia)



Na igreja das Chagas —
 Proxima vinda a nobre Catharina
 Da porta principal da igreja, quando
 Se olhar dentro sempre a brando
 E olhar lá um moço de primeira feição
 E se julga d'um olhar ardente meliosa
 A saua, vulto, timida e corado,
 N'essa hora o moço seia p'afectado
 Em d'obra e extensa commença d'arrua
 Camada, que n'esse não era, moço, ardido,
 Numa gesto de galha de cançado
 — Quem os p'prios mezes! — murmurava —
 E a luma, se n'olha, languida sonhada
 Pois que um talis o tempo a n'essas
 Ai amir n'uma torça de ventura
 — Trinta annos depois —
 Junto de um cetro de governo e feição
 Por uma noite de luar saudoso,
 Camada — prohiba a fronte de lá, com —
 Seis mezes indolente n'uma p'pria luctuosa
 Eis que se via um cetro n'olha
 Subitane a n'uma de noite em n'uma
 Já se abria as portas com n'uma
 N'olha de amir, que torça, n'uma!
 Camada n'olha, a galha ardida,
 E n'olha canto, com um antigo ardida
 Resuscitada — n'uma de n'uma de n'uma
 Vinde n'uma a feição, a n'uma n'uma
 No n'uma n'uma n'uma, n'uma a n'uma
 De Natavia vult o vult amado.
 Goncalves Crispim

CAMÕES E D. SEBASTIÃO

Foi no anno da peste grande (1569) que o poeta chegou a Lisboa de volta do Oriente. No anno anterior tomára D. Sebastião conta do governo. A imaginação do povo tinha creado em volta do berço do rei uma nuvem de milagres; e o phantástico destino que lhe formou depois de morto trazia origens de antigos casos maravilhosos. Quando fôra do casamento do principe D. João, — o pae do rei, que não chegou a reinar, — viram as gentes de Lisboa, no céu, por cima das torres da Sé, noutes seguidas, um fogo avermelhado, em fórma de ataúde. Contavam-se, depois, as singulares aparições no paço de Xabregas. A princeza estava no leito; D. Sebastião ia nascer; e da sombra da camara de altos tectos destacou-se a figura de uma dona, vestida de negro... Trazia mangas de pontas e touca larga; vinha envolvida em crepes. Não fallava, mas seguia, oscillando e crescendo para o leito, com um estallido de ossos nús que se tocam. Parou e como quem despede um beijo com os dedos, soltou um sopro. Uma visão e um stertor de vida que foge seriam o rei ainda no ventre, a nação na beira da cova. — De outra vez, — caso para espantar! — Viu-se apparecer na varanda d'el-rei um bando de moiros com albornozes de côres, tochas accezas, como n'um enterro, caminhando, psalmeando, com vozes lugubres.

N'essa atmosphera de funebres prenuncios veiu a luz a

Maravilha fatal da nossa idade!

O poeta que d'este modo nomeava o rei, chegou, como dissemos, a Lisboa, de volta do Oriente, no anno da peste grande. Vinha pobre, triste, dorido dos açoites do infortunio. Via por seus olhos o desconjuntar do imperio portuguez. A Índia, onde vivera, era «um cahos escuro de confusão;» era Babylonia, onde «o mal se afina, o bem se damna.» Mais podia lá, que a honra, a tyrannia. O cyclo das façanhas terminára, os heroes mortos não tinham legado descendencia. A historia da nação prolongára-se, para o poeta, no Ultramar; e desde que os portuguezes tinham montado o Cabo, Portugal mudára os penates para o Oriente. Agora, convencido da ruina irremediavel da Índia, regressando ao reino, era o momento de vêr se uma nova fonte de acções heroicas podia continuar a antiga historia e restaurar a fortuna perdida.

Chegou no anno da peste. Achou Lisboa moribunda. Em 68 o rei reduzira a um terço o valor da moeda de cobre, o patacão a 3 réis, as moedas a real e meio e um real. Era uma cruel medida indispensavel, porque o inglez, que levára toda a prata e todo o ouro, mandava para cá, nas barricas de farinha e nas pipas de pregos, o cobre fraco portuguez cunhado por elle. O dinheiro da Índia tinha passado por Portugal como trigo por uma ciranda: fôra-se o grão, ficava o joio e o lixo da eira. Os figurões, sabendo de vespera a lei, pagaram tudo; e o pobre povo pasmado, achou-se com dois terços de menos. Enforcou-se muita gente, ao vêr-se perdida. No anno seguinte veiu a peste: dizia-se ser o castigo do roubo infame da Semana-Santa de 68.

Já em junho morriam de 50 a 60 pessoas por dia; e dizia-se que a 10 do mez seguinte um terramoto arrazaria Lisboa. O Castello, o Carmo e Almada correriam a juntar-se, entulhando o Tejo. O terror da catastrophe e o da peste despoaram Lisboa. Passado o dia 10 regressou muita gente: os pobres que tinham de ganhar a vida. O rei ficou em Cintra. Na capital morreu-se abundantemente até ao fim do verão: de 500 a 700 pessoas por dia. Crescia a herva na Rua-Nova onde os maraus jogavam a bola; e pelas portadas das casas, ao longo das ruas, viam-se fileiras de embrulhos de cadaveres em lençoes brancos.

Nas moradas fechadas habitavam os ratos cevados de mortos. A gloriosa capital era o sepulchro de quarenta mil victimas da peste.

Sair, do cahos da Índia, para a valla de Lisboa era triste, doloroso. Não haveria salvação possível?

Camões e o povo portuguez, — não os grandes, os sabios, os ricos, sensatos e prudentes, — punham os olhos na milagrosa creança, fascinados pela temeridade dos seus actos, pela desvairada loucura do seu proceder. A positiva doidice do rei individualisava o estado moral da nação. Um grande milagre ou uma grande catastrophe; qualquer cousa inaudita, eis o desejo, o desespero de todos. Outro Virgilio, tambem o nosso poeta chamou, ao rei, Marcello:

Rei bemaventurado em quem parece
Aquella alta esperança já cumprida
De quanto o céu e a terra te offerece!
.....
Poz Deus na mão do rei a vara alçada
Para guia do povo errado e cego...

Não é difficil de descobrir, nos versos de Camões e nas historias do rei, qual era a intenção, o plano, de ambos para restaurar a nação agonizante e o povo errado e cego.

O poeta, desilludido dos fumos orientaes, aconselhava:

Africa esconde em si luzentes veias
Mova-vos já sequer riqueza tanta
Pois mover-vos não pôde a casa Santa
.....
Vedel-o duro inglez que se nomeia
Rei da velha e santissima cidade
Que do torpe ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?)

Do rei diz Pedro de Mariz que era «de natureza feroz e robusta e de espirito vehemente e levantado e de coração invencivel e determinado: não cuidava senão em guerras e em famosas conquistas e militares empresas. E nem é possível senão que um dia imaginava sujeitar a si toda a Berberia; outro arrazar os muros de Constantinopla; logo fazer-se senhor do caliphado do Egypto, e ter á sua obediencia a veneranda Palestina.»

Era uma renascença do genio das cruzadas nos dois espiritos do rei e do poeta. Cervantes (1547-1616) condemnava ambos no typo immortal do Quixote. Quixote fôra em Tunis, na mocidade, o castelhano; mas curou-se. Camões, soldado e poeta, ficou o mesmo, prégando a chimera de uma aventura desesperada, a uma nação agonizante. Emquanto Castella, a patria da «caballeria ã lo divino,» a patria de S.^{ta} Thereza, de Loyola, de Jimenes o cardeal-soldado, abandonára para sempre a guerra-santa; nós que tinhamos tambem desistido d'ella desde o tempo de D. João II, voltavamos agora para esse passado remoto, como para uma esperança ultima. O entusiasmo mystico era em Camões, porém, a necessidade de acção de um temperamento forte, e não o o desvario de uma imaginação dolente. Partidos de um mesmo estado de espirito, Loyola chegava á visão, Cervantes ao bom-senso, e Camões, nem santo nem sceptico, á doutrina da acção positiva:

Não se aprende, Senhor, na phantasia
Sonhando, imaginando ou estudando
Senão vendo, tratando e pelejando.

Tal era o estado de espirito do poeta e do rei, quando a sorte approximou um do outro. Em ambos o mesmo pensamento; em ambos igual idéa, para resolver a crise lugubre em que viam o reino. Camões e D. Sebastião ouviram-se, comprehenderam-se. O louco arrebatamento do ultimo exprimia de um modo temerario, desvairado, o pensamento do primeiro. Ambos olhavam para a historia; e em frente do roído cadaver do imperio ultramarino, appellavam para a politica africana esquecida por elle, inspirando-se nas tradições heroicas da nação. Um cantava-as no

seu poema. O outro ia em pessoa vêr os tumulos dos avós, e venerar, compenetrado, a pessoa de D. João II, cujo cadaver mandou erguer do tumulo, de pé, com a espada em punho.

Lêr ao rei os seus «Lusiadas» era para Camões metade apenas do seu desejo: esse poema era a introdução a outro, — a empresa em que tambem seria actor

Para servir-vos braço ás armas feito
Para cantar-vos mente ás musas dada
Só me fallece ser de vós acceito.

.....
Se isto me o céu concede e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada...

Em 1572 saíram a lume os «Lusiadas» e já de gerto a esse tempo fervia no espirito do rei o plano que tão estouvadamente poz em pratica dois annos depois. Era a empresa de Camões, a conquista de Africa; D. Sebastião teria «a sorte de Alexandre e a dita de Achilles.» Os «Lusiadas» concluiam por um conselho, uma promessa, uma esperança; e o poeta preparava a penna e cingia a espada. Ia outra vez cantar e combater.

Mas o reino extenuado, miseravel, por isso mesmo que pedia em altos gritos um messias e um prodigio, não tinha forças para as grandes façanhas, nem a fé que faz os milagres. A imaginação assustada só via as aparições da fraqueza, as funebres visões do fim. E os personagens sensatos e graves condemnavam com rasões o estouvamento do rei, que a triste avó condemnava chorando. Só, abandonado, D. Sebastião contou consigo apenas para conquistar Marrocos.

No verão de 1574 partiu para Cintra, a passeio. Mandou esperar as galés em Cascaes; e dizendo que ia visitar o Algarve, embarcou. Não levava tropas, nem polvora, nem canhões. Os fidalgos, o duque de Aveiro, o conde de Vimioso, iam em trajos de corte, por nem terem tido tempo para vestir os de guerra. D. Sebastião abalou. De caminho agregou á frota os barcos guarda-costas e foi fundear em Sagres. D'ahi, fóra do alcance dos importunos conselheiros, expediu oito mil cartas que levava feitas, convocando para Tanger os terços dos concelhos, as mesnadas dos fidalgos. Era uma conspiração contra o reino inteiro, que, para salvar o rei, correria a Africa. Seguiu a Tanger. Mas o tempo fugia: era outubro, entrava o inverno, e teve de renunciar por então ao seu plano. Á volta, um temporal desbarata a frota: a nau do rei, corrida do tempo, desce até á Madeira; já outros navios tinham chegado a Lisboa: e o do rei? naufragado? perdido?... Quando as afflicções eram maiores, entrou n'um dia de temporal no Tejo, mareando a galé, borrifado de espuma, e foi deitar ferro em Xabregas. Era o dia de finados, dois de novembro.

O revez acirrou-lhe o desejo. Contra os sabios conselheiros de quem escarnecia, tinha por si o papa que lhe mandára uma das settas do santo do seu nome; e Camões que, incitando-o mais que nunca, positivamente lhe dizia:

Tomae tambem a setta veneranda
Que a vós o successor de Pedro manda
... Sereis o braço forte e soberano
Contra o soberbo gladio mauritano

Que farão, rei, as vossas (settas) que têm liga
Com a que já tocou Sebastião?

.....
No sangue sarraceno as tingireis.

Mas a mesma gente que por todos os modos buscava affastar o rei da sua empresa, de certo pelos mesmos motivos buscava, — e conseguia, — affastar do rei o poeta. Em 1572 apenas lhe deram, por tres annos, a tença de 15:000 réis que, valendo então o trigo a 85 réis o alqueire, equivale a 100:000 réis de hoje. E agora conseguiam que Bernardes usurpasse o lugar de cantor da empresa, — da empresa que era tanto de Camões,

como do rei. A cõrte era um covil de intrigas, os cortezãos um bando de miseráveis, cacheticos, ou doidos, ou enfesados. Uns eram os aventureiros do bando d'el-rei; outros os molles pintalegretes alfanados, que entravam nas sallas, encostados ao hombro dos pagens, arrastando o corpo, arrastando a falla, parecendo mulheres doentes de requinte; outros finalmente, os conselheiros velhos, miseráveis, como Martim Affonso de Sousa o mais descarado de todos os condottieri da India, e D. João de Mascarenhas, o heroe de Diu, que vendeu Portugal como um Judas. Como haviam de perceber a heroica doidice do rei? Como haviam de sentir na face o ar quente do louco patriotismo de Camões?

...A lyra tenho

Destemperada e a voz enrouquecida
E não do canto; mas de vér que venho
Cantar a gente surda e endurecida.

Camões era esquecido, posto de parte; mas nem por isso desistia: tinha esboçado o poema da conquista que D. Sebastião planeava, apesar do protesto dos que o cercavam. A historia reza de todos os desvairados meios de que o rei lançou mão, pondo em pratica um «desusado esfolar.» Essa «maravilha fatal da nossa idade,» que nascera n'um berço cercado de phantasmas, caminhava para a guerra no meio de um cortejo de funebres presagios. Aparecera um cometa e corria que Pedro Nunes, astrologo, fizera prophecias. Vinha á praia um peixe, que de um lado tinha uma cruz entre dois açoites, os emblemas da paixão do Redemptor, do outro a data de 1578. Ouviam-se vozes por varias partes. No Minho tinha-se visto no céu um combate de cavalleiros. D. João III em phantasma apparecera a Luiz de Moura, prophetisando mortes. Uma voz dissera ai! a Vasco da Silveira, capitão da armada; e assegurava-se que o rei a quizera vér e ouvir e que a alma crescera, cor da noute, dizendo em tom dolente: choro por mim! choro por ti! choro por quantos vão!... Mas apesar do susto, ou talvez por causa do terror, os que iam abandonavam-se a uma orgia de luxo e prazer, ainda não vistos. Lisboa tornára-se um acampamento semeiado de tavolagens e bordeis. Amar, jogar, beber, era o meio de afugentar as visões pavorosas do medo.

Sabe-se como a expedição partiu e se perdeu, n'um instante, como quem se afoga caíndo de braços. Camões ficou, não fôra. Assistiu á ruína das suas esperanças, viu por terra o edificio das suas chimeras. Que resta? diziam na batalha a D. Sebastião. — Morrer! trocava o rei. — A resposta do heroe foi tambem a do poeta: «Emfim acabarei a vida; e aqui verão todos que tão amante fui da minha patria que não contente de morrer n'ella, quiz tambem morrer com ella.»

Acabavam ao mesmo tempo, com a patria portugueza, os dois homens que nas agonias d'ella tinham encarnado em si, e n'uma chimera, o plano da resurreição. N'esse tumulto que encerrava os tres cadaveres havia dois epitaphios: um foi o sonho sebastianista; o outro foi, é, o poema dos «Lusiadas.» A Patria fugira da terra para a região aerea da poesia e dos mythos. Na terra via-se apenas o cardeal rei, cachetico, pendurado como uma creança, a mamar nos peitos da Maria da Motta. E havia quem pedisse ao papa que o deixasse casar para ter successão o reino! A successão estava preparada a favor de Filippe que comprára tudo, e diante de quem todos reverentes caíam de rastos.

Tem a critica notado a afinidade litteraria do poema de Camões e do de Virgílio: registremos nós uma differença. Os «Lusiadas» cantam um passado, e são um epitaphio. A «Eneida» era uma apothose, cantando os «aurea secula, a idade presente, de Augusto Cesar, filho dos deuses.

OLIVEIRA MARTINS.

OS LUSIADAS

Os «Lusiadas» estão como na hora;

Tres seculos, e nada...

Nem uma letra unica apagada!

Porque a gente decora

E nem os vermes comem,

Não traçam, não consomem

Uma obra inspirada.

Os dons da Divindade

— A Belleza, a Verdade,

Essa gloria de Deus, como do homem,

Raiam e ficam em perenne aurora!

JOÃO DE DEUS.

RESTOS DE LUIZ DE CAMÕES

CONVENTO DE SANT'ANNA
MOSTEIRO DOS JERONIMOS EM BELEM

Vae longe a grande época em que este pequeno recanto do universo, extendeu a sua gloria mais ainda que Roma ou Grecia, e hoje ao magico influxo de um nome a nação agita-se, rejuvenesce, e sente pulsar em si os antigos brios.

Portugal, como poucas nações, conta nos seus annaes nomes que ficaram e ficarão perduráveis na historia da humanidade.

Desde Gil Eannes, até Serpa Pinto, desde Affonso Henriques até ao marechal Saldanha, desde D. Diniz até Almeida-Garrett, desde Fernão Lopes até Alexandre Herculano, quantas glorias quantos nomes imperecedouros?

O mar que beija as vastas costas de Portugal, convidava seus filhos a lustral-o.

A religião de egualdade e fraternidade que professavam, necessitava-os a diffundil-a.

Cumprida a sua missão, exaustas as suas forças, caiu o atleta gotteando sangue sobre a areia ardente, deixando um rasto na historia, qual nenhum outro povo antigo ou moderno.

O heroísmo da gente gerou o genio; e o genio arrancou do marmore e do ouro os monumentos da Batalha e dos Jeronymos, a custodia de Belem, e do cerebro de João de Barros e de Luiz de Camões as «Decadas» e os «Lusiadas.»

O primeiro mais feliz morreu cercado de gloria e consideração; o segundo mais glorioso, mais entusiasta, porém mais bohemio, erguendo o seu monumento na vespera da queda da patria, esquecido, alquebrado extinguiu-se na hora do estertor d'ella, quando as suas lagrimas eram tantas que nenhuma lhe poudo regar o tumulo.

Não, não dizemos bem, ainda houve mão que lhe cerrou os olhos, ainda houve lagrimas que lhe humedeceram o rosto no arranco derradeiro.

A pobre, a velha mãe, primeiros olhos que o contemplaram, primeira bocca que o beijara, foi tambem quem lhe deu o ultimo beijo, quem recolheu de seus tepidos labios o ultimo sopro d'alma.

Não lhe poudo herdar a gloria, porque a patria só tarde despertou para celebrar-lha, herdou-lhe porém as fracas mealhas, com que tão escassos tempos lhe haviam querido honrar as cicatrizes.

O sagrado deposito, o paladio portuguez foi encerrado na igreja do convento de Sant'Anna,

em lugar tão humilde, que passados quinze annos custou a amigos o deparal-o.

Trasladados ou deixados na mesma sepultura, mandou D. Gonçalo Coutinho cobrir-lhe os ossos com uma lapide, onde fez gravar uma singela inscripção, seguida de outra latina, com que o quiz honrar Martim Gonçalves da Camara, ficando a sepultura á esquerda da porta de entrada da igreja do convento, por cima da qual Miguel Leitão d'Andrade mandou assentar na parede uma memoria de azulejo.

Assim permaneceu a sepultura até que pelos annos de 1729, as freiras quizeram accrescentar e mudar o côro, o qual foi erecto na parte baixa da igreja, tapando-se para isso a porta principal, que se cobriu com um altar, assoalhando-se de sobrado essa parte da igreja, para o que se levantaram as campas.

Debaixo do novo côro parece ter ficado a sepultura de Camões.

O testemunho dos escriptores, na parte de que cada um tratou, não discorda desde Pedro Mariz até Barbosa Machado.

Ha porém apenas uma assersão diversa, mas singular de Manuel de Faria e Sousa, que, por mais de um motivo, se julga inexacta.

Que a sepultura se perdera era a affirmção geral, e ninguem tentára averigual-o. Passado porém o primeiro quartel do presente seculo, duas tentativas se fizeram para esse fim, com mais ou menos demora, e nós dando conta resumida dos seus trabalhos, ainda suppomos que novas indagações no cartorio das religiosas, poderão acaso descobrir um testemunho positivo, que não deixe duvida em nenhum espirito.

Em 1835 ou 1836, o illustre poeta Castilho, fez a primeira proposta n'este sentido na sociedade dos amigos das lettras.

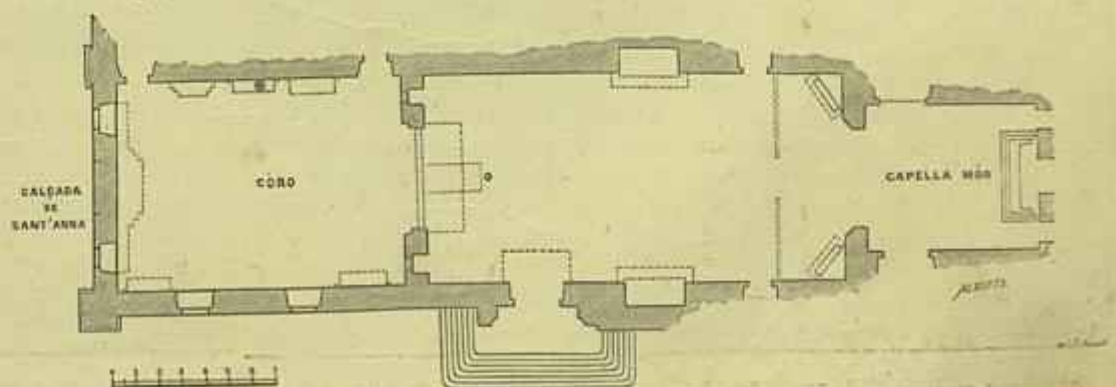
Nomeou-se uma commissão composta de Castilho, do professor de esculptura Assiz Rodrigues, e do engenheiro o ex.^{mo} sr. Feijó, aos quaes se aggregaram Augusto Frederico de Castilho, o morgado de Assentis e Gonçalo Vaz de Carvalho, litteratos, artistas, e homens de vasta instrução.

Começou a commissão os seus trabalhos a 7 de setembro de 1836, abrindo, a pedido de Castilho, uma sepultura onde se encontraram dois esqueletos dentro d'uma cesta de vime.

Naturalmente, Castilho, ainda moço, guiado por Faria e Sousa julgára poder encontrar alli os restos do grande epico. Como, infelizmente a Castilho faltava a vista, é provavel ter julgado ser a actual entrada da igreja de Sant'Anna, a que sempre houvera, mas depois, em vista do testemunho dos historiadores, começaram as pesquisas no côro de baixo, á parte esquerda da primitiva entrada, reunindo-se ali ainda a commissão uma ou duas vezes.

Succedendo por esses dias a revolução politica d'esse mez, e vendo o ex.^{mo} sr. Feijó, que dirigia os trabalhos de exploração, e de quem havemos todos estes esclarecimentos, que apesar de algumas instancias a commissão não tornava a reunir-se, concertou e repoz no seu logar, o que se havia removido, e cessou de todo com as pesquisas.

Durante perto de vinte annos senão pensou



PLANTA DA EGREJA DO CONVENTO DE SANT'ANNA

mais em tal; mas logo depois do fallecimento de Garrett, porque é preciso haver grandes desastres para se excitarem os brios patrióticos, nomeou o governo nova comissão composta do visconde de Monção e ex.^{mo} sr. Feijó, que haviam feito parte da primeira, do maior honrador de Camões o ex.^{mo} sr. visconde de Jurenha, Carlos da Silva Maia, dr. Cicouro, e do ex.^{mo} sr. José Tavares de Macedo que foi o secretario d'ella.

Dos trabalhos d'esta comissão, que assegura ter encontrado os ossos de Camões, sabe-se o pouco que deixa perceber o secco e insufficiente relatório, que ha poucos mezes foi publicado. Documentarissimo de um trabalho de tal magnitude, ainda assim, mais exíguo se tornou pelo extravio que houve, no ministerio do reino, dos desenhos que o acompanhavam, e de que a redacção d'este perio-

dico requereu para tirar copia, que por esse motivo não poudo obter.

Supre-se porém esta falta com o desenho da parte externa da igreja de Sant'Anna, onde se vê indicada a antiga porta principal d'ella e com a planta da igreja onde um — o — indica a sepultura, onde a primeira comissão encontrou os

dois esqueletos, e com uma ~~X~~ local, onde o relatório da segunda comissão diz haver encontrado os restos de Camões. Outra gravura representa o altar no côro da mesma igreja, onde desde 1856 ficaram depositados esses preciosos restos.

A outra gravura representa a capella do presepio no sumptuoso templo de Santa Maria de Belem, para onde vão ser mudados definitivamente. Para essa capella vão tambem ser trasladados os despojos mortaes do grande heroe da navegação da India, D. Vasco da Gama, ainda que nos pareça inconveniente, a falta de uma solemnidade unica, singular e especial para honrar a memoria do grande almirante.

Descansem em paz os dois grandes portuguezes.

Sirva ao menos esta solemnidade de começo e incentivo ao pagamento de tantas dividas, que n'esta patria ingrata ainda estão por pagar.

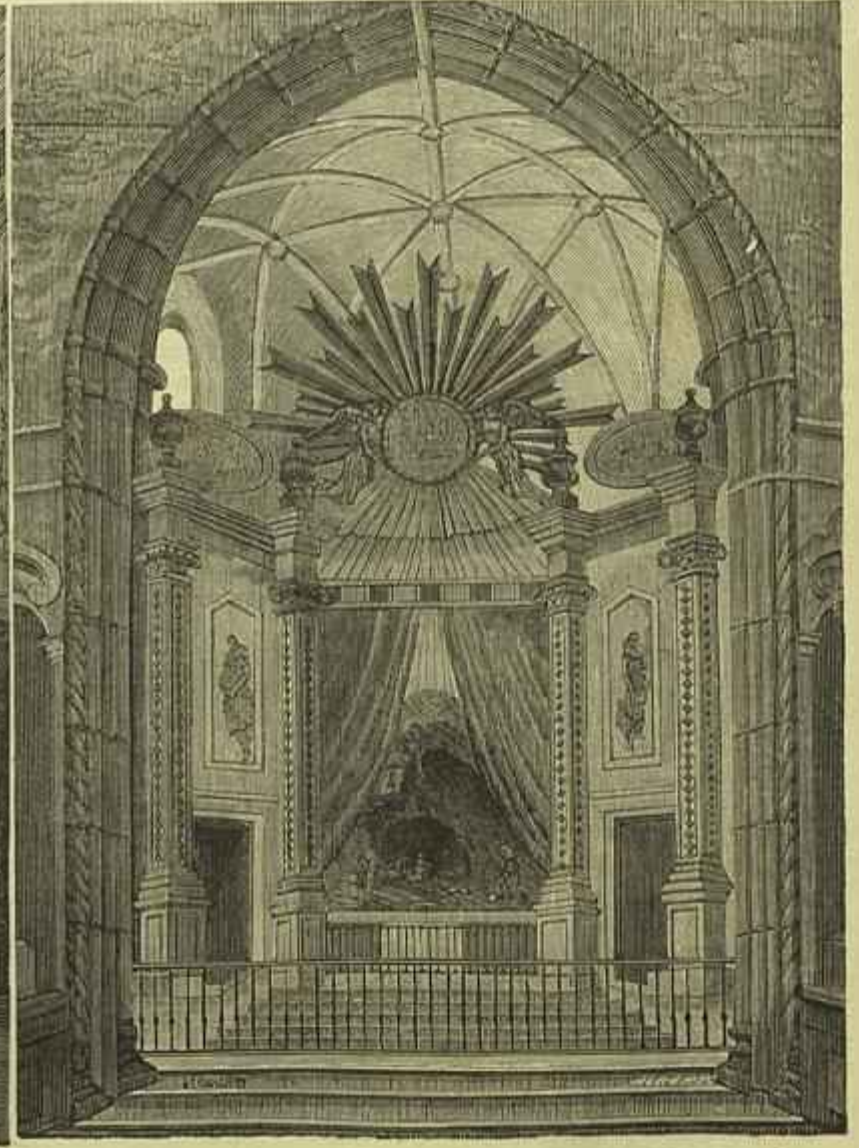
BRITO REBELLO.



VISTA EXTERIOR DO CONVENTO DE SANT'ANNA — (Desenho autographo do sr. visconde de Castilho)



CONVENTO DE SANT'ANNA — ALTAR NO CÔRO — DEPOSITO DOS RESTOS DE CAMÕES
(Desenho do natural por I. Newton)



CONVENTO DOS JERONYMOS — CAPELLA DO PRESEPIO — JAZIGO DE CAMÕES
E DE VASCO DA GAMA (Desenho do natural por I. Newton)